

DOI: 10.20911/21799024v16n2p106/2025

A consubstancialidade antes de Niceia: uma análise das contribuições teológicas de Irineu de Lyon

Consubstantiality Before Nicaea: an Analysis of the Theological Contributions of Irenaeus of Lyons

Gabriel Felipe Martins Rocha¹

RESUMO: O artigo analisa a teologia de Irineu em *Adversus hæreses*, focando na unicidade de Deus e na origem da ideia de união substantiva entre Pai e Filho, que culmina em Niceia (325 d.C.). Mesmo sem usar o termo *homoousios*, Irineu defende claramente a unidade entre Pai e Verbo, especialmente contra gnósticos e docetistas. Estrutura-se em três partes: contexto das heresias e resposta irineana; análise da encarnação e unidade divina; e influência de Irineu na decisão nicena. Irineu sustenta a plena divindade de Cristo, sua preexistência e participação na criação, fornecendo fundamentos à doutrina do *homoousios*. Além disso, baseia sua teologia na Tradição Apostólica e nas Escrituras, reforçando a continuidade da fé primitiva até a definição dogmática do século IV.

PALAVRAS-CHAVE: Unicidade de Deus. Verbo. Consubstancialidade. Concílio de Niceia. *Homoousios*.

1. Mestre em Filosofia (linha de pesquisa: Ética), pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte - FAJE; doutorando em Teologia (linha de pesquisa: Teologia Sistemática) também pela FAJE com o apoio da CAPES.

ABSTRACT: The article examines the theology of Irenaeus in *Adversus Haereses*, focusing on the oneness of God and the origins of the idea of substantial union between the Father and the Son, climaxing at the Council of Nicaea in 325 AD. Although Irenaeus does not use the technical term *homoousios*, he clearly defends the unity of the Father and the Word, especially in opposition to Gnostic and Docetist heresies. It is structured in three parts: first, the context of these heresies and Irenaeus's response; second, an analysis of the incarnation and the unity of God and the Son; and third, how his theology indirectly influenced the Nicene decision. Irenaeus affirms the full divinity of Christ, his pre-existence, and his participation in creation, laying foundations for the doctrine of *homoousios*. Moreover, he bases his theology on Apostolic Tradition and Scripture, reinforcing the continuity of primitive Christian faith through to the fourth-century dogmatic definitions.

KEYWORDS: Oneness of God. The Word. Consubstantiality. Council of Nicaea. *Homoousios*.

Introdução

A definição da consubstancialidade do Filho em relação ao Pai no Concílio de Niceia (325) representa um marco na história da teologia cristã. Contudo, essa formulação dogmática tem raízes anteriores, especialmente nos Padres do século II. Entre eles, destaca-se Irineu de Lyon, cuja obra *Adversus haereses* (*Contra as Heresias*) apresenta fundamentos doutrinários que antecipam em seu contexto teológico específico o – até então controverso – vocabulário teológico niceno, bem como as categorias que, mais tarde, seriam definidas com precisão nos concílios ecumênicos posteriores. Este artigo pretende demonstrar como a teologia de Irineu oferece uma matriz para a compreensão da unidade substancial entre o Pai e o Verbo, ainda que sem recorrer aos termos desenvolvidos posteriormente. Ora, mesmo lançando mão do termo “consubstancial”, Irineu é uma testemunha precoce da fé na unidade de ser entre o Pai e o Filho. Sua insistência na eterna relação entre os dois, na atuação comum na criação e na salvação, e na filiação verdadeira e não metafórica do Filho são fundamentos claros do que, no século IV, levaria à formulação da consubstancialidade em Niceia. Desse modo, então, ainda que Irineu não tenha uma ontologia propriamente dita, sua teologia em torno da união entre as *Pessoas trinitárias*² tem seu coroamento no próprio Concílio de Niceia quando, finalmente, a noção irineana de *unicidade* se esclarece na ideia de *homoousios*.

Para apresentar a gênese do problema da consubstancialidade na *Adversus haereses* de Irineu de Lyon, este artigo percorrerá os seguintes passos:

2 Aqui utilizo o termo “Pessoas trinitárias” para me referir à teologia de Irineu; porém ele próprio não empregou essa terminologia, pois o vocábulo “Trindade” (lat. *trinitas*) só surge mais tarde, em Tertuliano e concílios posteriores, enquanto Irineu fala em “Pai, Filho e Espírito” de modo proto-trinitário, sem o termo técnico.

primeiro, será apresentada a própria questão gnóstica na obra de Irineu e sua resposta aos que ele chama de *hereses*. De sua resposta, já na segunda parte deste artigo, poderá ser percebido que muitos elementos que irão aparecer em Niceia (século IV), já estão sendo discutidos, ao modo de Irineu, nos dias de Irineu (Século II), expondo, assim, a ortodoxia cristã como um processo contínuo que vai ganhando maior sustentabilidade no próprio ambiente controverso da Teologia. Na terceira e última parte deste artigo, será examinado, por fim, quais são as contribuições específicas de Irineu que, no decorrer do desenvolvimento teológico cristão, já com contribuições de outros importantes teólogos patrísticos, aparecerá como elemento *ortodoxo*, finalmente oficializado pela Grande Igreja no concílio niceno.

1. A questão gnóstica na obra *Contra as Heresias (Adversus hæreses)*

Irineu nasceu em Esmirna, na atual Turquia, por volta do ano 135. Estudou com Policarpo de Esmirna, que fora discípulo de São João, Apóstolo. Mais tarde, foi eleito Bispo de Lyon, cidade no sul da Gália, atual França. Irineu é lembrado, principalmente, por ter defendido a ortodoxia católica contra as posições gnósticas e por ter identificado e combatido radicalmente o gnosticismo na sua obra *Adversus Hæreses*.³

Irineu de Lyon, bispo do século II, escreveu a *Adversus Hæreses* com o objetivo principal de refutar os sistemas gnósticos que ameaçavam a integridade da fé cristã. Nos dois primeiros livros da obra, ele oferece uma descrição detalhada dos principais grupos gnósticos, em especial os valentinianos, expondo suas doutrinas e demonstrando suas incoerências à luz da Tradição apostólica e das Escrituras.

As principais teses gnósticas combatidas por Irineu incluem: o *dualismo ontológico*, por meio do qual os gnósticos postulavam a existência de dois princípios opostos, um espiritual e bom, outro material e mau. Para eles, o mundo material foi criado por um demiurgo inferior, distante do Deus verdadeiro (Cf. IRINEU, II, 30, 6, p.225). Para os valentinianos, por exemplo, o Verbo (*Logos*) era apenas uma das emanções inferiores de uma divindade suprema inacessível (Cf. IRINEU, I, 15, 1-5, p. 79-83). Isso implicava que o *Logos* não era plenamente divino nem da mesma natureza que o Pai; Havia também a ideia docética: os gnósticos rejeitavam a verdadeira encarnação do Filho de Deus, sustentando que o Cristo apenas “pareceu” ter corpo humano, negando assim a união real entre natureza divina e humana (Cf. IRINEU, I, 25, 1-6, p.104-108).

Para Irineu, então, as doutrinas gnósticas comprometiam profundamente a fé cristã. Se Cristo não fosse verdadeiro Deus e verdadeiro homem, a salvação

3 Irineu escreveu a *Adversus Hæreses* para refutar as doutrinas gnósticas — especialmente as valentinianas — que ameaçavam a unidade da Igreja primitiva sob o episcopado de Lugduno (atual Lyon). Narrando o surgimento dessas seitas e demonstrando sua incoerência teológica, Irineu estabelece a importância da Tradição apostólica sustentada pela sucessão dos Apóstolos, afirma a realidade da encarnação, da ressurreição corporal e do cânon neotestamentário, e reforça o papel do episcopado como guardião da ortodoxia (Cf. IRINEU, 2000, p. 14-26).

não seria possível, pois, como ele mesmo diz: “os apóstolos não pregavam outro Deus ou outro Pleroma, nem um Cristo que padeceu e ressuscitou distinto de outro que teria subido e permanecido impassível, mas um único e mesmo Deus Pai e um único e mesmo Jesus Cristo, que ressuscitou dos mortos” (IRENEU, IIII, 12, 2, p. 288). A sua refutação, portanto, se baseia na pregação apostólica como elemento autoritativo e distintivo; na unidade das Escrituras, que testemunham a unidade essencial entre o Pai e o Filho e na Tradição viva da Igreja, que transmite, como diz o próprio Irineu, a “verdadeira gnose”, isto é, o verdadeiro conhecimento. Nas palavras de Irineu, “ninguém pode conhecer o Pai sem o Verbo de Deus, isto é, sem o Filho que o revela” (IRINEU, Livro IV, p. 380). Assim, a partir dos ensinamentos contidos nas Escrituras a respeito do Deus Criador e Pai como um só Deus e a respeito do fim dos tempos, Irineu expõe o que se entendeu por *verdadeiro pleroma* (plenitude) da salvação em Jesus Cristo.

Ora, para os gnósticos, o mundo teria sua origem em uma divindade desconhecida, transcendente e sem nenhuma relação direta com sua criação. Este mundo que os seres humanos habitam foi criado por um Demiurgo “que se separou do verdadeiro Deus por causa de um pecado cometido antes da existência do mundo e que deve ser identificado com o Deus do Antigo Testamento” (DROBNER, 2003, p. 111-112). Para eles, o mundo criado por esse Demiurgo é essencialmente mau. “Mas o homem, por sua verdadeira natureza, seria essencialmente semelhante ao Deus verdadeiro; só que esta divina centelha que nele reside estaria sujeita ao demiurgo através do seu corpo material ligado ao mundo” (KREUTZ, E. A, 2001, p. 60-62). Desse modo, o gnosticismo mantinha certa semelhança com o neoplatonismo no que se refere à necessidade humana de se libertar da matéria. Porém, no acréscimo gnóstico, essa libertação implica voltar ao *verdadeiro Deus*, que só poderia ser alcançado através do correto conhecimento (*gnose*) que, de certa forma, fora reservado somente aos escolhidos. Eis, portanto, o problema desse sistema filosófico e teológico dentro do Cristianismo: a encarnação de Jesus, o Verbo, seria um elemento desnecessário e até mesmo desprezível para a soteriologia gnóstica.

Dentre os gnósticos mais conhecidos nos dias de Irineu, podemos destacar Marcião, que, por conta de seus ensinamentos, serviu de impulso para a formação do cânon do Novo Testamento ao afirmar que o Evangelho de Jesus Cristo foi falsificado pelos judaizantes (IRINEU, I, 27, 2. p. 19), e Valentim, que defendeu a ideia de que a salvação está no conhecimento oculto, disponível só para um grupo específico (IRINEU, 1, 11, 1, p. 35). Valentim desenvolveu uma cosmogonia complexa onde Deus, Pai Inefável, está acima do Deus inferior, chamado de Demiurgo, o Pai invisível. Se o Demiurgo criou a matéria (má), Sophia criou o Espírito e só ela tem a verdadeira gnose (Cf. IRINEU, II, 18, 1-7, p.177-181). Valentim, então, acreditava em um sistema dualista, onde o mundo material era considerado inferior e criado por um demiurgo, uma divindade menor ou falha. Ele introduziu a noção de Pleroma, que era o reino da plenitude espiritual, habitado por uma série de emanções divinas chamadas de “*aeons*”. Irineu criticou essa visão, defendendo a bondade da criação e a unidade de Deus (Cf. IRINEU, III, 25, 3, p.362).

Agora, a partir do que já foi exposto aqui, vale dizer que a ideia de uma ortodoxia cristã estava sendo construída a partir da própria ideia (pré-concebida) de “heterodoxia”. Isto é, enquanto a Fé Cristã avançava para suas primeiras sistematizações, aquilo que era considerado heterodoxo, o era em relação àquilo que o próprio Irineu vai mostrar no livro III da *Adversus Aereses*: há uma sucessão de bispos desde os apóstolos e estes tiveram o conhecimento verdadeiro vindo de Deus através de Jesus Cristo. O que esses bispos transmitiram desde os apóstolos é a verdadeira Tradição (*parádosis*) que a Igreja deve seguir, como veremos na segunda parte deste artigo.

2. A resposta de Irineu aos gnósticos: a ideia de encarnação do Verbo como gênese da questão consubstancial

Nesta segunda parte do artigo, vamos analisar as respostas de Irineu de Lyon ao problema gnóstico a partir do Livro III e Livro IV da *Adversus hæreses*. Num tom polemista – e muitas vezes agressivo –, Irineu combate as ideias gnósticas e dá ao Cristianismo a noção ainda mais robusta de *ortodoxia* e de *Tradição*. Vale destacar que Irineu, no afã de refutar os gnósticos, lança bases importantes para a definição da Cristologia ortodoxa na Igreja, sendo a questão específica da consubstancialidade coroada no próprio concílio niceno.

No Livro III, Irineu indica a fonte de sua argumentação: a Tradição apostólica e o ensinamento das Escrituras a respeito da unicidade de Deus e sua Paternidade em relação a Jesus Cristo. Irineu, ao expor a Doutrina Cristã, dá, ao mesmo tempo, uma resposta aos erros gnósticos ao afirmar que Deus é único e o próprio Criador e que Jesus, nascido de Maria (portanto, da carne) é o Filho de Deus e único Redentor. Primeiro, Irineu apresenta a sucessão apostólica como depositária e, ao mesmo tempo, responsável por transmitir a “gnose verdadeira” deixada de modo especial aos apóstolos (Cf. IRINEU, III, 2, 2, p. 247) e, depois, apresenta a sua teoria a respeito da encarnação, isto é, a teoria do Verbo encarnado.

O esforço de Irineu, ao expor a importância da sucessão apostólica como elemento de preservação da ortodoxia, mostra que o conhecimento da “economia da salvação”, isto é, o plano divino de salvação da humanidade, que se desenrola ao longo da história, veio através daqueles “pelos quais nos chegou o Evangelho, que eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus, transmitiram nas Escrituras, para que fosse para nós fundamento e coluna da nossa fé” (IRINEU, III, 1, 1. p. 246). Dentro do contexto da obra, Irineu queria mostrar que, se de fato há uma “gnose perfeita” (IRINEU, III, 1, 2., P. 247), ela foi depositada pelo Único Deus no Colégio Apostólico e foi transmitida exclusivamente pelos apóstolos como Tradição à toda Igreja. Irineu afirma: “Eles todos nos transmitiram que há um só Deus, Criador do céu e da terra, anunciado pela Lei e pelos profetas, e um só Cristo, Filho de Deus” (IRINEU, III, 1, 2, p. 247).

Por fim, para Irineu, os apóstolos estariam acima de qualquer suspeita, pois, na exposição da Verdade, pregavam que Cristo era o Filho de Deus, anunciado pelos profetas e, como Filho do Deus único “manifestava-se a si mesmo

como aquele que veio trazer aos homens a liberdade e oferecer-lhes a herança da incorruptibilidade” (IRINEU, III, 5, 3, p. 256). Ora, aqui Irineu já lança aqui as bases da Cristologia ortodoxa ao mostrar que “trazer a liberdade aos homens” (*Ibidem*) é a missão imediata do redentor que salva o homem do domínio do pecado, sendo a encarnação de Cristo já o início da destruição do pecado e a garantia da promessa de incorruptibilidade.

Contudo, não havia no Cristianismo uma homogeneidade teológica nos dias de Irineu (Século II). Pelo contrário, o Cristianismo, a princípio, estava exatamente no processo de afirmação dos seus dogmas centrais. Ainda no século I e até a primeira metade do século II, por exemplo, o Cristianismo ainda era visto, pelo menos para os primeiros cristãos, como parte integrada do judaísmo, porém com uma novidade cujo conteúdo transpunha os limites interpretativos do judaísmo (Cf. GONZÁLEZ, 2011, pp. 18-22). Como explica Joseph Moingt, a própria noção de *preexistência* já era signo da distinção entre o cristianismo e judaísmo, sendo a *preexistência*, por exemplo, uma novidade do discurso a respeito da Pessoa de Jesus Cristo (Cf. MOINGT, 2008, p. 77). A noção de *preexistência*, aliás, aparece já na própria exposição de Irineu sobre a Doutrina Cristã, onde este defende que Jesus deriva de um só e único Pai, sendo a salvação em Cristo anunciada já na Antiga Aliança. Segundo Irineu,

[...] em todas as Escrituras está semeado o Filho de Deus que ora fala com Abraão, ora com Noé, dando-lhe as medidas da arca, ora procura Adão, ora faz vir o juízo sobre os sodomitas, ora aparece e guia Jacó no caminho e da sarça fala a Moisés. (IRINEU, IV, 10, 1, p. 392).

Então, após sua exposição a respeito da Tradição Apostólica como única depositária da “gnose verdadeira”, Irineu vai defender que Deus é o Único e Senhor, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ao apresentar a unicidade de Deus no Novo Testamento, Irineu defende, a partir, principalmente, dos testemunhos evangélicos e paulinos, que Deus é o verdadeiro e único Deus e, assim, se defende da acusação de que, confessar Deus como Pai e Cristo como Senhor, seria confessar dois deuses (Cf. IRINEU, II, 28, 4, P. 214). O esforço de Irineu é provar que nem os profetas e nem os apóstolos chamaram Deus e Senhor a não ser ao único e verdadeiro Deus (Cf. IRINEU, III, 6, 1, p. 124; *Ibidem*, III, 12, 14, p. 301-302). Quando faz menção dos testemunhos do próprio Cristo na *Adversus hæreses*, Irineu, citando S. João, já identifica Jesus como Verbo que estava com o Pai e que todas as coisas foram feitas por meio dele e nada foi feito sem ele. Tendo em vista os quatro Evangelhos, Irineu segue sua exposição na mesma linha: mostrando, de modo geral, que Deus é identificado pelos evangelistas como Único Deus e Pai de nosso Senhor, que tornou visível sua salvação através do Verbo feito carne para que ficasse patente que Ele era o Rei. Irineu cita S. Mateus quando este faz relações com Oseias e Isaías ao dizer que do Egito Deus chamou seu Filho e a Virgem conceberia aquele que se chamaria Emanuel (Deus-conosco). Irineu está mostrando que S. Mateus tinha em vista a ideia da *unicidade* de Deus em relação às Pessoas divinas (embora ele ainda não use as categorias trinitárias que viriam somente depois). Irineu cita Lucas e Marcos nessa mesma perspectiva, destacando que Cristo foi reconhecido por es-

ses evangelistas como Senhor, o Filho de Deus, participante da natureza divina, sendo também homem, o Verbo encarnado.

Ao citar S. João, Irineu dá um enfoque na questão da encarnação do Verbo, conforme os escritos joaninos, e, assim, retoma a posição gnóstica dizendo que “os hereges afirmam que o Demiurgo ignora a Potência que está acima dele de quem João é testemunha e indicador” (IRINEU, III, 11, 4, p. 280). Então, tratando da questão da encarnação do Verbo, Irineu defende que Jesus não foi apenas um receptáculo do Cristo, como afirmavam alguns gnósticos. Irineu quer identificar o Jesus de Nazaré com o Cristo, Filho de Deus. Ele afirma, novamente:

Jesus Cristo nosso Senhor, que por nós sofreu, ressuscitou e voltará, na glória do Pai, para ressuscitar todo homem, revelar a salvação e aplicar a regra do justo juízo a todos os que estão submetidos ao seu poder. Portanto, existe um só Deus Pai, como dissemos, e um só Jesus Cristo, nosso Senhor, que se torna presente por meio de toda a economia e recapitula em si todas as coisas. [...] Recapitulou todas as coisas em si para que ele, que como Verbo de Deus tem a primazia entre os seres celestes [...] (IRINEU, III, 16, 6, p. 321).

Logo, o Salvador é, então, Jesus na sua unidade enquanto Deus e Homem. Jesus Cristo é apresentado por Irineu como aquele que “recapitulou em si todas as coisas”, ou seja, que reuniu, restaurou e reconciliou toda a criação, incluindo o homem, na sua pessoa. Ao assumir essa primazia e tornar-se cabeça da Igreja, atrairá tudo para si no tempo devido. Interessante que Irineu, ao defender a recapitulação, apresenta elementos caros à cristologia posterior e às discussões em torno da unidade essencial entre as Pessoas divinas. Ora, mesmo que Irineu não utilize explicitamente o termo “consustancial” (gk. *homoousios*), pois esta terminologia de origem grega só iria aparecer nas discussões teológicas da Igreja a partir de Orígenes, ainda com certa ambiguidade (Cf. ORÍGENES, I, 2, 4-6, p.37-38), o conceito está implícito na sua descrição de Cristo como o Verbo de Deus que “recapitulou todas as coisas” e que tem a primazia entre todas as criaturas.

Essa ideia já sugere uma unidade de essência (*ousia*) entre o Pai e o Filho, pois, o *Verbo* é apresentado como uma expressão relacionada ao próprio Deus, isto é, que participa de sua essência, o que é fundamental para a compreensão da consustancialidade. Ao enfatizar a recapitulação de todas as coisas, Irineu está mostrando que Cristo tem uma relação de total identidade e participação na obra do Pai, funcionando como a plena expressão da vontade e essência de Deus na economia da salvação. Ao afirmar a primazia do *Verbo* entre os seres celestes e visíveis, Irineu reforça a sua relação ontológica com o Pai, destacando que a sua autoridade e natureza derivam, então, de sua unidade com o Pai. Portanto, a ideia de que Cristo é plenamente humano e plenamente divino se firmou em grande parte por causa de argumentos como os de Irineu. Desse modo, a teologia de Irineu de Lyon exposta na *Adversus Haereses* não só articula uma visão teológica significativa sobre a relação entre Adão e Cristo, mas também estabelece fundamentos que moldariam a cristologia e a soteriologia nas gerações

seguintes. A sua obra contribuiu para a formação de uma compreensão mais rica e complexa da natureza de Cristo e do plano de Deus para a humanidade.

Irineu, portanto – rejeitando a ideia de que Jesus Cristo era criatura e afirmando a preexistência do Verbo de Deus –, afirma que em Jesus Cristo, Deus se torna acessível, isto é, Jesus, justamente por ser Deus feito homem, é capaz de revelar o Pai, não como o Deus de longe, mas de perto (Cf. IRINEU, IV, 20, 1, p. 201). Ora, os apontamentos de Irineu são importantes, pois lançam já os alicerces para a teologia em torno do termo “*homoousios*” (*da mesma substância*) já no período anterior ao concílio niceno. Como argumenta Irineu, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança – e acentua a expressão plural “*nossa imagem e semelhança*” –, pois quer indicar que a encarnação de Cristo é, na verdade, a expressão da imagem divina, sendo o homem partícipe dessa imagem. Neste sentido, como afirma Luis F. Ladaria, a humanidade de Jesus (humanidade *assumida* pelo Verbo, segundo Irineu) tem um caráter paradigmático “como consequência da humanidade que lhe outorga o ser da humanidade do Filho e a perfeição moral que o acompanha” (LADARIA, Luis F, 2021, p. 24).

3. Considerações finais: o legado de Irineu para o Concílio de Niceia

Por fim, ao dar a sua resposta aos gnósticos, Irineu “não se cansou de defender a unidade e a identidade do Pai e do Filho” (MOINGT, Joseph, 2008, p. 104) ao mostrar que o Pai se revelou a todos, tornando seu Verbo visível a todos. Pelo Verbo encarnado, Jesus Cristo, todos podem ver o Pai e o Filho, sendo o Pai a invisibilidade do Filho, e o Filho a visibilidade do Pai (Cf. IRINEU, IV, 6, 5-7, p. 183). Ambos são, portanto, partícipes do mesmo ser, isto é, o mesmo em substância – embora Irineu não use exatamente essa expressão, mas contribuindo decisivamente para o futuro uso dela.

A compreensão que Irineu de Lyon desenvolve sobre a encarnação do Verbo em sua obra *Adversus hæreses* pode ser vista como uma base teológica importante para a formulação futura da doutrina da consubstancialidade entre o Pai e o Filho, definida no Concílio de Niceia. Como já dito neste artigo, embora Irineu não utilize o termo técnico *homoousios*, sua ênfase na verdadeira encarnação do Verbo e na unidade entre Deus Pai e Jesus Cristo aponta claramente para uma concepção que reconhece a plena participação do Filho na natureza divina. Aliás, é válido considerar que o uso de terminologias gregas – por exemplo, a *homoousios* – estava começando a fazer parte do sistema teológico cristão que, na medida que se distinguia cada vez mais do judaísmo, assumia em seu discurso teológico os contributos da filosofia grega. Ora, a Igreja precisou recorrer a conceitos e termos da filosofia grega para expressar com clareza a fé cristã diante das controvérsias e interpretações divergentes, como podemos observar no próprio contexto de Irineu contra os gnósticos. No que diz respeito, especificamente, ao termo grego *homoousios* para definir a consubstancialidade do Filho em relação ao Pai, Orígenes dá um passo maior que Irineu. Orígenes comenta:

E nós a chamamos Sabedoria de Deus, como dissemos acima, “[...] ela que não tem seu ser substancial a não ser naquele que é o princípio de todas as coisas e do qual também ela nasceu. [...] é essa sabedoria, ele que é por natureza o Unigênito, por essa razão é chamado de Filho único (Jo 1,18) (ORÍGENES, I, 2, 5, p. 35)

Irineu, ao combater aqueles que negavam a encarnação, ofereceu uma noção profícua à ideia de consubstancialidade, pois, ao tratar da união real entre o Verbo e a carne humana assumida, ele apontou a necessidade – assumida posteriormente no discurso teológico – de se pensar na unidade de substância entre o Pai e o Filho. Irineu argumenta:

Os apóstolos não pregavam outro Deus ou outro Pleroma, nem um Cristo que padeceu e ressuscitou distinto de outro que teria subido e permanecido impassível, mas um único e mesmo Deus Pai e um único e mesmo Jesus Cristo, que ressuscitou dos mortos. (IRINEU, III, 12, 2, p. 136).

Para Irineu, a redenção só seria possível se aquele que salva fosse verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Essa afirmação pressupõe que o Verbo eterno de Deus, gerado antes de todos os séculos, é da mesma realidade e essência que o Pai, pois só assim poderia comunicar a vida divina à humanidade e realizar a reconciliação entre Deus e os homens. Além disso, ao afirmar repetidamente que o Verbo é o “único Deus verdadeiro” que se manifestou em carne – como faz constantemente no Livro III –, Irineu reforça a ideia de que o Filho partilha da mesma divindade que o Pai. Irineu explica:

Demonstrou-lhe que aquele era Jesus no qual se cumprira a Escritura, como dizia o eunuco ao crer e ao pedir logo o batismo: ‘Creio que Jesus é o Filho de Deus’. Em seguida, foi enviado à região da Etiópia a pregar aquele em quem ele tinha crido, isto é, um Deus único, pregado pelos profetas, cujo Filho apareceu como homem [...] (IRINEU, III, 12, 8, p. 140).

Seu argumento soteriológico é essencial: só aquilo que é assumido pelo Verbo pode ser redimido. Se Cristo “apareceu” como homem, pode então salvar o homem. Isso implica que a natureza humana de Cristo está unida à sua natureza divina de forma verdadeira e inseparável. Aliás, ao inserir a ideia da *preexistência* de Cristo (Cf. MOINGT, p. 87-88; 91-96), Irineu afirma que o Filho está unido ao Pai desde a eternidade, sendo Jesus, nascido da Virgem, o Verbo encarnado que, então, já partilhava da unidade divina enquanto Filho de Deus. Jesus é, assim, o homem que veio de Deus, unido ao Pai, partícipe da mesma realidade divina. Tais fundamentos teológicos, centrados na realidade da encarnação e na identidade ontológica do Verbo com o Pai, abriram o caminho para que, no século IV, os padres conciliares de Niceia (325 d. C.) afirmassem que o Filho é “consubstancial ao Pai” (*homoousios tō Patri*), em resposta à negação ariana da plena divindade de Cristo. Irineu, cronologicamente distante, fornece, então, uma base argumentativa importante para aqueles que viriam após ele, como o próprio Orígenes e, também, Tertuliano. Sobre a união substancial, Orígenes explica:

Dessa substância da alma, servindo de intermediário entre Deus e a carne, pois não era possível que a natureza de Deus se mesclasse com a carne sem mediador, nasce, como dissemos, o Deus-homem (*theánthrōpos*) sendo essa substância uma intermediária, pois para ela não era contra a natureza assumir um corpo (ORÍGENES, II, 6, 3, p. 139).

Ao afirmar que da substância da alma nasce o Deus-homem, mediador entre Deus e a carne, revela uma preocupação teológica com a possibilidade da união entre a divindade e a humanidade na pessoa do Verbo encarnado. Essa formulação, que introduz a alma como mediadora para garantir a plena divindade e a plena humanidade de Cristo sem confusão de naturezas, só pode ser compreendida adequadamente à luz das bases lançadas anteriormente por Irineu de Lyon. Irineu defendeu a unidade de Deus e a realidade concreta da encarnação do Verbo, insistindo que o mesmo Deus que criou todas as coisas foi quem, em Cristo, se uniu verdadeiramente à carne humana para realizar a salvação. Ao afirmar a plena participação do Filho na substância divina do Pai e – mesmo sem usar tal terminologia –, afirmou, ao mesmo tempo, a veracidade da carne assumida pelo Verbo. Irineu, então, abriu caminho para que teólogos posteriores pudessem aprofundar os modos dessa união sem cair em heresias de confusão ou separação das naturezas.

A solução intermediária que se propôs mais tarde entre Deus e a carne só faz sentido dentro do horizonte teológico que Irineu havia delineado: o de um Deus único, que se manifesta e atua de modo real e eficaz na história através da encarnação do Verbo. Sem o fundamento da unicidade de Deus e da unidade do agir divino, tão insistentemente afirmado por Irineu, as reflexões tardias sobre a mediação da alma na encarnação, por exemplo, não teria os pressupostos doutrinários que a sustentam.

A confissão de que o Verbo, portanto, é Deus verdadeiro indica que Jesus Cristo é participante da mesma vida e essência do Pai, sendo o mediador da criação e da redenção. Logo, diferente daquilo que será ponto controverso no contexto de Niceia, o Filho é eterno, não criado. O Verbo eterno, segundo Irineu, estava com Deus desde o princípio, é o mesmo que se fez carne em Jesus Cristo para salvar a humanidade. Mesmo num contexto de controvérsias diferentes do contexto niceno, Irineu, ao combater os gnósticos e também os docetistas, insistiu na plena identidade entre o Deus Pai e o Verbo, que foi decisiva para criar um clima teológico em que a Igreja, nos séculos seguintes, entenderia a necessidade de afirmar a unidade de substância (*ousia*) entre Pai e Filho.

No Concílio de Niceia, quando surgiu a necessidade de responder à controvérsia ariana (que afirmava que o Filho foi criado e não era eterno como o Pai), os bispos recorreram a categorias que, embora não formuladas nos mesmos termos por Irineu, estavam já fortemente presentes em seu pensamento: a eternidade do Verbo, sua divindade plena, sua participação na obra criadora e sua inseparável união com o Pai. Apesar de não ser, tecnicamente, um teólogo do Concílio de Niceia, Atanásio, por exemplo, se aproxima da teologia de Irineu para justificar a eternidade de Cristo:

Deus fez o mundo, tomando como ponto de partida matéria preexistente e ingênita; Deus nada teria podido fazer sem esta matéria preexistente,

da mesma forma que o carpinteiro necessita da madeira para poder trabalhar. [...] Os hereges imaginam um demiurgo diferente do Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, dando prova de extrema cegueira em suas asserções [...] Mas como supor uma criação alheia ao Pai? São João resume [...]: 'Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito' (jo 1, 3). [...] Por seu Verbo criou e trouxe à existência todo o universo [...]" (ATANÁSIO, I, 2, 5, p. 126).

Portanto, pode-se dizer que Irineu preparou o terreno doutrinal para Niceia, oferecendo os fundamentos bíblicos, teológicos e soteriológicos que, mais tarde, permitiriam à Igreja reconhecer que o Verbo era, de fato, "Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai", como definiu o Credo Niceno⁴.

Referências

- ATANÁSIO, Santo. *A encarnação do Verbo*. Tradução de J. G. M. Almeida. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; 3).
- AYRES, Lewis. *Nicaea and Its Legacy: An Approach to Fourth-Century Trinitarian Theology*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DROBNER, H. R. *Manual de patrologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- GONZÁLEZ, Justo L. *História ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GRILLMEIER, Alois. *Cristo na tradição cristã: do início até Calcedônia*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- IRINEU DE LIÃO. *Contra as heresias (Adversus Haereses)*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Paulus, 2000.
- KREUTZ, E. A. *Teologia patrística: vida da primitiva igreja*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Berthier, 2001.
- LADARIA, Luis Fernando. *Jesus Cristo, salvação de todos*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- MARTÍNEZ, J. M. B. *El nacimiento del cristianismo*. Madri: Síntesis, 1990.
- MOINGT, Joseph. *Deus que vem ao homem*. São Paulo: Paulus, 2010.
- MOINGT, Joseph. *O homem que vinha de Deus*. São Paulo: Paulus, 2008.
- ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios*. Tradução de Mário da Silva. São Paulo: Paulus, 2002.

Artigo submetido em: 14/07/2025. Aprovado em: 12/11/2025.

E-mail do Autor: gabriel.martins.rocha@educacao.mg.gov.br

ORCID: [https://orcid.org/ 0009-0000-6973-6567](https://orcid.org/0009-0000-6973-6567)

4 CONCÍLIO DE NICEIA. *Símbolos de Fé da Igreja Antiga*. Tradução de José Alberto de Oliveira Pinto. São Paulo: Paulus, 1999. p. 45.